

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
17 de junho de 2023

DAZED AND CONFUSED / 1993

Um filme de Richard Linklater

Realização e Argumento: Richard Linklater / Direção de Fotografia: Lee Daniel / Montagem: Sandra Adair / Produção: James Jacks, Sean Daniel, Richard Linklater / Coprodução: Anne Walker-McBay / Design de Produção: John Frick / Gestão de Produção: Alma Kuttruff / Casting: Don Phillips / Direção Artística: Jenny C. Patrick / Guarda-roupa: Katherine Dover / Interpretações: Jason London (Pink), Joey Lauren Adams (Simone), Milla Jovovich (Michelle), Shawn Andrews (Pickford), Rory Cochrane (Slater), Adam Goldberg (Mike), Anthony Rapp (Tony), Sasha Jenson (Don), Marissa Ribisi (Cynthia), Deena Martin (Shavonne), Michelle Burke (Jodi), Cole Hauser (Benny), Christine Harnos (Kaye), Willey Wiggins (Mitch), Mark Vandermeulen (Tommy), Esteban Powell (Carl), Jeremy Fox (Hirshfelder), Ben Affleck (O'Bannion), Jason O. Smith (Melvin), Christin Hinojosa (Sabrina), Parker Posey (Darla), Matthew McConaughey (Wooderson), Catherine Morris (Julie), Nicky Katt (Clint) / Cópia: DCP, a cores, falado em inglês com legendas eletrônicas em português / Duração: 102 minutos / Estreia Mundial: 4 de junho de 1993, Seattle International Film Festival / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Dazed and Confused é apresentado em “double bill” com **Rebels of the Neon God**, de Tsai Ming-liang (“folha” distribuída em separado).

Entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

Duas falas no filme, uma vez coladas, sintetizam, a meu ver, o espírito da geração dos *seventies* tal como é aqui retratada: “We’re the savages”, frase dita pelo sempre ganzado Slater, e “You just gotta keep livin’. L-i-v-i-n”, adágio da autoria de um *slacker* com idade para ter juízo chamado Wooderson, interpretado por Matthew McConaughey. Cerca de uma década antes, eram o *flower power* e o *rock n’ roll* as respostas de toda uma geração – marcada pelo acontecimento do Woodstock – à guerra no Vietname e ao vasto rol de desigualdades e atrocidades cometidas dentro de portas (estava ao rubro, nas ruas, a luta pela igualdade de direitos entre minorias). Os jovens em 1976, como notou Richard Linklater, que precisamente terminou o liceu nessa ano, não tinham grandes *statements* a fazer, nem grandes exemplos (mais ou menos sacrificiais) a dar: eles só queriam “V-I-V-E-R”. O crítico da *New Yorker*, Bruce Handy, num artigo recente que comemora os 30 anos de **Dazed and Confused**, «The ‘Dazed and Confused’ Generation» (2 de março de 2023), fala de uma energia *laissez-faire* que atravessa todo este filme que se propõe não tanto fazer a reconstituição de um tempo mas, mais do que isso, personificar o espírito de uma geração, no seu ritmo e derivas “para lado nenhum”.

Quando Linklater olhou para trás com o intuito de mostrar como os *seventies* tinham sido uma época entediante para qualquer jovem, fê-lo ciente do precedente *coming-of-age* realizado por George Lucas, em 1973: o muito mais amargurado **American Graffiti**, olhar fatalista quanto baste para a juventude dos *early sixties*. Não se tratava propriamente de fugir à guerra ou de combater um Estado corrupto, mas de “viver e deixar viver”. Os jovens representados por Linklater são, de facto, como “selvagens”, mas gozam de qualquer coisa que, creio, qualquer um de nós poderá já ter experienciado, muito provavelmente no tempo da sua adolescência: um intenso sentimento de se estar simultaneamente preso e de se ser absolutamente livre (como nunca antes, nem nunca mais) num qualquer tempo presente, num instante de beleza em que a ignorância sobre o futuro – e o medo que essa ignorância nos inspira – dá a mão à possibilidade de mandarmos tudo pelos ares – de novo, não se trata do “we blew it” angustiada de **Easy Rider** (1969), mas de um “blow me” bem destravado e despreocupado.

Também já não estamos a falar de um *american dream* cor-de-rosa, porque estes jovens à deriva, que se dizem selvagens, que se apresentam livres e imprevisíveis, nessa primeira saída após o fim das aulas, como se fossem índios num *western* ou “exilados” que erram entre festas e excessos etilizados pela cidade fora, por exemplo, como os cidadãos nativo-americanos no belíssimo **The Exiles** (1961)... Estava a dizer: esta juventude “atordoada e confusa” carrega o peso do tédio. Um *ennui* adveniente de euforias passadas, de um historial repleto de revoluções prometidas mas finalmente falhadas. Será isto? Sim, mas também “é só” uma geração querendo apenas seguir em frente, sem freios ou compromissos, porque mais importante do que definir o futuro e combater injustiças será arranjar bilhetes para o próximo concerto dos Aerosmith. O filme é como uma torrente, com espaço para muita coisa e também muita “coisa nenhuma”, que encaminha as personagens para um lugar difuso (Linklater, de **Slacker** (1990) a **Before Sunrise** (1995), especializou-se nesta espécie de carpintaria de um tempo presente, produzindo a ilusão de “estarmos com”, *hanging out* com personagens tão estúpidas quanto invejavelmente livres), que pode ser o de um encontro ou de um desencontro – ambos inconsequentes para o que há de vir.

Por tudo isto, o desfecho do filme (não o da história, porque essa não acaba...) só podia conter a imagem de uma estrada – o asfalto é o único horizonte para estes rebeldes sem causa, presos no tempo do agora, infelizes com o-que-já-foi e céticos em relação àquilo que a sociedade lhes reserva: muitos compromissos e pouca farra. Um aparte: o título da sequela espiritual de **Dazed and Confused**, acompanhando, em 1980, a borgia que preenche os dias de um grupo de rapazes antes do início das aulas na faculdade (e que termina com um sorriso semelhante ao que antecede a imagem da estrada aqui), tem um título expressivo, muito por causa do seu tom falsamente reivindicativo: **Everybody Wants Some!!** (2016). Ora, essa imagem final da estrada parece rimar, à sua maneira, com o derradeiro plano de **Two-Lane Blacktop** (1971) de Monte Hellman. Mas a película não pega fogo e – sabemos bem – estes “índios” não fugirão por muito mais tempo à sua “reserva”. Sabemos ou sentimos – afinal, eles gozam de demasiadas comodidades, sendo a principal o privilégio de uma imaturidade (apenas) aparentemente sempre-renovável – que estão condenados a voltar a casa e a obedecer às leis dos paizinhos.

Luís Mendonça